

## Comment

### TRAINED TO INTERACT

# O corpo humano em exposição: promover mediações sócio-culturais em um museu de ciências<sup>1</sup>

**Silvania Sousa do Nascimento**

*ABSTRACT: Esta comunicação discute três abordagens do conceito de mediação e, conseqüentemente, três facetas da ação do mediador. As abordagens apresentadas partem de uma revisão bibliográfica do conceito de mediação presente em estudos de educação e divulgação científica. Essas abordagens ancoram a interpretação de uma entrevista semidiretiva com a diretora do Museu de Ciências Morfológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e nos auxilia a refletir sobre a complexidade de organizar os propósitos da ação museal que considere a função transformadora de significados dos objetos em interação com diferentes sujeitos socioculturais. Em conclusão, é destacado o propósito do museu em organizar uma ação museal com uma abordagem da mediação sociocultural e ter o mediador como um passeur libre entre os objetos de exposição e os visitantes.*

### Da mediação ao mediador

A pesquisa desenvolvida em museus e centros de ciências está intimamente ligada às reflexões presentes no contexto da educação científica. Essa tem, nos últimos anos, privilegiado abordagens da teoria sociocultural, segundo a qual uma das chaves para o entendimento da ação humana é o conceito de mediação.

A mediação é um conceito de origem nômade, entre o grego *mesou* e o latim *mediatio*. Yves Lenoir (1996),<sup>2</sup> em uma abordagem filosófica sobre o conceito de mediação, afirma que Aristóteles recorre a essa idéia para estabelecer o silogismo, em que a mediação é uma relação estática entre um dado e outro dado. Assim, ela representa uma ponte entre os objetos, assegurando uma função de intermediária demonstrativa.

No universo romano, a mediação envolve a presença de um facilitador da comunicação entre os disputantes ou entre o mundo das divindades e o dos mortais. Aparece, então, uma segunda forma de compreender a mediação: o estabelecimento de um elemento intermediário entre universos de objetos de hierarquias diferentes.

A abordagem sociocultural propõe uma terceira forma de entender a mediação, onde ela é resultado da ação do homem sobre o mundo: um processo de produção de objetos socialmente elaborados que agem como mediadores entre o ser humano e a natureza.<sup>3</sup> Esse conceito de mediação, herdeiro do marxismo, estabelece uma nova relação entre o sujeito e o objeto. Isto é, o sujeito é capaz de promover um agir produtivo, reflexivo e finalizado de criação de objetos que descrevem o mundo. Porém, novos objetos exteriorizados transformam a própria constituição do sujeito sociohistórico.

Scwebel, Maher e Fagley<sup>4</sup> (1990, p.297 *apud* Lenoir, 1996, p.241) definiram que a mediação, segundo essa terceira abordagem, pode ser considerada “a função social que consiste em auxiliar o indivíduo a perceber e interpretar seu ambiente. Uma pessoa, o mediador, auxilia o outro a reconhecer certas características importantes, físicas e sociais, de sua experiência presente ou passada [...]”. É dessa forma que, em geral, o mediador aparece, ou seja, em uma perspectiva sociocultural, em que um sujeito interfere entre o objeto de conhecimento e o aprendiz, auxiliando-o no processo intra e intersíquico de criação de objetos que descrevem o mundo.

Davallon destaca que o termo mediação alcançou uma grande abrangência nos últimos anos, assumindo para o mediador papéis estratégicos, jurídicos, educacionais ou políticos. Ele propõe discutir a função do mediador a partir de seu aspecto funcional. Para ele, o mediador “visa fazer aceder um público a obras

(ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro” (Davallon,<sup>5</sup> p.3). O autor, ao examinar um conjunto de textos de ciências da informação e da comunicação, distingue três tipos de utilização do termo mediação. O primeiro, a “mediação midiática”, que se opera no interior das mídias e coloca o jornalista em posição de terceiro, de mediador. Essa função de mediador implica, evidentemente, um conjunto de procedimentos específicos de escrita e de *mise en scène*. Van Praet et al.<sup>6</sup> ao discutirem sobre o paradigma do “terceiro homem” na divulgação científica, introduzem também o adjetivo “mediador”. Para eles, na década de 1950, o esforço das mídias para ampliar o alcance da ciência e da técnica colabora para o aparecimento dessa nova categoria de ator: o jornalista mediador, no Brasil, muitas vezes associado ao chamado jornalismo científico. Nesse contexto eles consideram que o “mediador” faz uma tradução do jargão dos especialistas para a linguagem corrente, falada por todos.

Na “mediação pedagógica”, é destacada a posição do formador como mediador – que também está em uma posição de terceiro homem. Sua ação comporta uma componente relacional, mas implica também uma regulação das interações educativas, para que a relação entre o aprendiz e o saber seja efetiva e conduza a uma aprendizagem.

Enfim, na “mediação cultural”, a abordagem pelo mediador e pela mediação está presente de forma francamente alargada. Ela apresenta uma abordagem mais teórica que operacional e pode assumir a estética, as artes, as culturas entre outras dimensões de saberes da sociedade. Nesse caso, o mediador tem mais um papel de transformador de significados.

Mas falar dos mediadores em nosso contexto é, geralmente, fazer referência aos profissionais da mediação, por exemplo, museal ou patrimonial. Uma definição de mediadores como atores sociais não elimina a diversidade de uso do termo associado à prática profissional dos museus ou da ação cultural por oposição à animação cultural que acontece em contextos mais restritos.<sup>7</sup> Caillet,<sup>8</sup> ao apresentar uma obra que busca traçar um panorama das questões e das ações de atendimento ao público nos museus, destaca que a mediação sociocultural está bem ancorada ao conjunto de atividades museais. Ela comenta que, na busca de democratização da cultura, o mediador é um *passer libre* diferenciado dos diversos outros profissionais que atuam nos museus: conferencistas, animadores associativos, animadores científicos, animadores de atividades artísticas, circenses ou esportivas, conservadores, monitores de oficinas, guias turísticos, consultores, pesquisadores, museólogos, educadores, professores.... Guichard e Martinand,<sup>9</sup> ao estudarem os processos de mediação das ciências, destacam que a função social do mediador é distinta daquela do professor, principalmente, pelo primeiro ter uma missão em relação à democratização do acesso a uma cultura científica, enquanto o segundo, na escola, possui uma responsabilidade institucional em relação ao conhecimento disciplinar das ciências.

Assim, podemos assumir as três funções da mediação: 1) ligação de uma forma estática entre o sujeito e os objetos; 2) transformação de significado atribuído pelos sujeitos a objetos de hierarquias diferentes e 3) transformação de significados a partir de ações do sujeito sociohistórico sobre os objetos das culturas. Nessa breve revisão do conceito de mediação, arrisco a dizer que a prática do mediador, tomado aqui como um sujeito sociohistórico, também precisa ser analisada em sua complexidade assumindo essas três funções como facetas de sua ação.

A seguir, discuto alguns aspectos da prática do mediador quando esse busca exercer a mediação em um museu de ciências morfológicas – enfoque humano. Nesse caso, o objeto em exposição é o corpo humano. Concentro minha análise em um pequeno recorte sobre os propósitos da ação museal expressa nas falas da diretora do museu. Minha interpretação é global e como forma de discussão a apresento intercalada com as falas da diretora do museu em questão. As falas estão inseridas no contexto de uma entrevista semidiretiva concedida como instrumento complementar de análise das origens e dos propósitos de criação desse museu.

### **O Museu de Ciências Morfológicas da UFMG**

Projeto pioneiro na educação e na divulgação científica nesse domínio, o Museu de Ciências Morfológicas<sup>10</sup> (MCM) foi aberto ao público em 1997 e visa ampliar e difundir o conhecimento da estrutura e funcionamento do organismo humano como forma de despertar, em cada cidadão, a consciência da necessidade e da importância do cuidado e da preservação da vida com qualidade. A diretora do museu, professora Maria das Graças Ribeiro, declara, em entrevista, que sua criação parte do

reconhecimento, pela instituição de ensino e pesquisa, da demanda popular por um espaço de divulgação desse conteúdo científico.<sup>11</sup>

*“O museu [...] surgiu de um projeto de pesquisa, após o registro regular da demanda do público externo à UFMG por conhecimento sobre o corpo humano. Porque os nossos estudantes das áreas biológicas e da saúde já recebiam aqui o conhecimento do organismo – ministrado de forma fragmentada através de diversas disciplinas curriculares como ainda ocorre em nosso sistema educacional. Mas o público externo, representado por grande contingente de professores de ensino fundamental e médio, profissionais de diversas áreas, donas de casa, crianças, jovens, idosos, despertados pela necessidade, curiosidade ou por outros motivos, sentindo a necessidade do conhecimento sobre o organismo humano, esse público, tão amplo quanto diversificado, começou a buscá-lo no ICB [...]”*

A criação do MCM resultou de projeto experimental da equipe do Laboratório de Histologia Animal, Departamento de Morfologia, do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), iniciado em 1989, após a computação e análise do banco de dados sobre a demanda de público. A equipe do museu destaca essa origem diferenciada em relação a outros museus de ciência, ou seja, o desenvolvimento de um projeto experimental de musealização do acervo do museu em vez de uma coleção patrimonial fundadora. A museografia contempla uma exposição didático-científica de longa duração, que mostra peças anatômicas humanas (conservadas por diferentes técnicas de conservação em formol a 10%), esculturas em gesso e resina, fotomicrografias de células e tecidos, baterias de técnicas de preparação de material para estudo em microscópios de luz e eletrônicos, embriões e fetos em diferentes estágios de desenvolvimento.<sup>12</sup> Esse acervo constitui o material didático-científico utilizado no curso de morfologia humana, aberto à comunidade acadêmica, escolar e à sociedade como um todo. Além das galerias de exposição, há o Laboratório de Pesquisa e Educação Inclusiva que abriga também uma galeria e um centro de formação. O cerne desse espaço é o trabalho em uma nova coleção didática, elaborada pela equipe do MCM, dentro de uma proposta de educação inclusiva. Porém, o uso dessa coleção para o ensino de ciências/biologia não é limitado a grupos portadores de necessidades especiais sendo possível sua exploração para diferentes públicos. A finalidade principal do museu, e o argumento principal de sua exposição de longa duração, é comunicar para a sociedade, principalmente para a comunidade escolar, a noção de que o organismo humano é complexo e integrado, levando à compreensão também da importância e da responsabilidade de cada indivíduo na preservação da saúde e da vida com qualidade. Esse objetivo representa uma atualização oriunda da constante reflexão da equipe sobre o atendimento ao público, dos primeiros objetivos descritos pela diretora como:

*“[...] em princípio, o objetivo era disponibilizar o acervo, abrir o diálogo com a comunidade a respeito do organismo humano e a importância de seu conhecimento, dialogar sobre suas questões, fossem elas sobre o conhecimento geral, de saúde, de problemas familiares, fossem questões dos professores, do distanciamento que sentiam entre as pesquisas e a sala de aula - muitos haviam se formado há 20, 30 anos -, a falta do material didático, a necessidade de inovação e outros tantos motivos. Por tudo isso, o museu deveria ser um espaço aberto sempre para a comunidade [...]”*

A equipe do museu é bastante coesa e forma um grupo permanente de reflexão sobre a ação museal e de discussão sobre o corpo humano e a qualidade de vida. A diretora manifesta assim essa dinâmica:

*“[...] O museu hoje é um centro educativo, que visa a formação para a ciência e para a vida; para preservação da vida em toda acepção da palavra. Em todas as áreas que a equipe caminhou, a ampliação se deu nesse sentido, que continua sendo o objetivo básico de nossa atuação. Outros objetivos foram agregados e representam a expansão do trabalho durante todos esses anos e que hoje vão muito além das exposições...”*

O número de visitas é de 22.000 a 25.000 por ano, mas há uma demanda de 30.000 alunos por ano, que aguardam em uma fila de espera para o atendimento. O público escolar representa 82% dos frequentadores, a maioria oriunda de escolas públicas, da capital e do interior de Minas Gerais. A visita dura até duas horas e é sempre acompanhada de monitores, embora legendas auto-explicativas possibilitem também a autonomia dos visitantes. Para a diretora, o público escolar busca no espaço do museu uma complementação disciplinar em ciências.

*“O que o público escolar vem buscar no MCM? Atualização de professores, melhoria do ensino de ciências, aulas práticas, motivação e até uma certa revitalização ou re-significação do ensino de ciências na prática escolar.”*

A visita é dividida em duas partes. Inicialmente os alunos assistem a uma palestra, com apresentação de filme/slides, que introduz o tema, e depois eles ficam livres para a visita. Apesar de existir uma orientação didática para a visita, atendendo à exposição sistêmica do organismo, não há uma obrigatoriedade de se seguir um trajeto e os estudantes podem começar a visita por onde desejarem ou melhor interagirem com o conteúdo. Os monitores, como são chamados, ficam à disposição para responder às perguntas, dúvidas e curiosidades. A equipe é composta de seis professores universitários, sete técnicos e 16 monitores. Segundo a equipe do museu<sup>13</sup>, momentos de interatividade ocorrem entre os estudantes em suas discussões, em debates com a equipe e subjetivamente (entre o visitante e o conhecimento internalizado). A instrumentalização da interatividade direta é realizada através de microscópios de luz e estereoscópicos, que permitem a visão micro e mesoscópica de células e outras estruturas. Nesse momento é feita uma apresentação dos procedimentos técnicos de manuseio dos equipamentos, de sua importância para a ciência e de técnicas de preparação do material para esse estudo e pesquisa.

Os monitores são recrutados por editais e através de convênios com instituições de ensino superior, e são selecionados pelos professores universitários da equipe do museu. A maioria deles possui bolsa acadêmica, mas há também estudantes voluntários dos mais diversos cursos superiores da UFMG e de outras instituições. A formação dos monitores é feita através de curso com duração aproximada de um semestre letivo e dividido em etapas: estudo teórico-prático do conteúdo morfológico e afim, com avaliação oral; estudo do público e preparação para recebê-lo, com observação prática de 15 dias; paralelamente ao atendimento do público, o monitor ingressa lentamente em toda a rotina de trabalho do museu, após seminários e leitura de textos sobre museologia, museografia, difusão científica e toda a história e dinâmica do museu. A formação se aproxima do modelo de formação dos animadores científicos, monitores formados em ambientes associativos em países francófonos, chamada de formação *sur le tas*, ou seja, uma parte de aproximação teórico-prática sobre a temática dada pela equipe do museu e profissionais convidados e a observação de ação de um animador *chevronné* ou *expert*.<sup>14</sup>

A mediação, em uma abordagem mais ampla, é um conceito que apareceu no enfrentamento do atendimento ao público, como afirma a diretora:

*“[...] Um aspecto de nosso trabalho que cresceu com a prática foi o reconhecimento da importância da mediação. Nosso acervo é um acervo de valor atribuído, constituído de peças mortas, de órgãos humanos. No entanto, tal material é usado com objetivo educacional, transformador de atitudes, com resultados surpreendentes. Num dado momento foi proposto que o museu fosse digitalizado, para ampliar o acesso do público, e que o MCM permanecesse apenas como matriz. Como nesse período já fazíamos pesquisa de público, avaliando não só o nível de atendimento das demandas como o grau de satisfação do público, o caminho foi pesquisar a esse respeito. 'Nem pensar', responderam os visitantes pesquisados! Nada substitui o real. Aumentar os órgãos de tamanho, de cor (...) do jeito que se quer, já se pode fazer na Internet. E nada substitui o real. [...]”*

Certamente que no processo de musealização da coleção as concepções de mediação midiática e pedagógica estavam presentes e também a função do mediador de fazer a ligação entre o conhecimento do sujeito e o objeto de exposição, assim como o papel assumido no processo do desenvolvimento de uma linguagem específica e um cenário para o estabelecimento de um processo de mediação, como podemos observar na próxima fala da diretora:

*“Um dos grandes problemas enfrentados durante a montagem do museu foi adequar a linguagem museográfica ao acervo. Segundo alguns especialistas, as legendas deveriam conter informações básicas para o público. O resultado em avaliação experimental mostrou-se antipedagógico e optou-se, num segundo momento, por reduzir para uma linguagem telegráfica, que também não resolveu a questão. Então veio uma terceira opção, que as legendas fornecessem as informações necessárias e a complementação e/ou aprofundamento do conteúdo fosse fornecido pelos mediadores. Complementando as legendas, todas as peças do acervo são sinalizadas, contribuindo para que o visitante possa identificar a estrutura constante da legenda correspondente. Assim, apesar das visitas serem orientadas, o visitante dispõe de certa autonomia a partir da linguagem museográfica. Embora o conteúdo morfológico - o estudo do*

*corpo humano - se apresente difícil para a maioria do público, a presença constante de um mediador preparado é fundamental para o atendimento das diferentes demandas dos visitantes, tanto no estudo quanto em outras questões. Muitos visitantes que vêm ao museu, fazem uma primeira visita de reconhecimento e depois voltam para estudar e/ou aprofundar o conhecimento dos diferentes órgãos, sistemas e respectivas funções e disfunções no corpo humano. A equipe interdisciplinar do museu envolve o pessoal das ciências morfológicas, fisiologia, patologia, difusão científica, química, física, belas artes, pesquisadores de museus, pedagogos, dentre outros profissionais. E embora a demanda de público continue crescente e poucos museus do corpo humano sejam criados, continua sendo um desafio informar o cidadão sobre si mesmo, atendendo sua própria busca. Temos conseguido manter o MCM dentro de um start razoável, conforme dados de avaliações. Quanto à documentação, o museu tem a documentação museológica completa e atualizada.*

A equipe do museu também está envolvida em ações museais de atendimento a públicos diferenciados, principalmente deficientes visuais. E esse projeto se transformou, segundo a fala da diretora, em uma ponte entre a universidade, as escolas e outras instituições com propostas inclusivas e essa comunidade.

*“[...] A partir do museu, com suas exposições de longa duração, passamos a manter também exposições temporárias e itinerantes, auxiliando outras comunidades no estudo do organismo humano. Assim, o museu passou a ir onde outros públicos estavam. Inicialmente para os deficientes visuais e, posteriormente, expandido para outros estudantes com limitações e depois ao público em geral, foi criada uma coleção de modelos didáticos do corpo humano, em suas dimensões macro e microscópicas. Uma réplica do corpo humano em gesso e resina plástica, com diferentes texturas, que permite, principalmente aos deficientes visuais, estudar o corpo humano contando com material concreto, que facilita a criação de imagens mentais, ajudando no processo de ensino e aprendizagem. Como esse material, embora tenha especificidades para atender aos deficientes visuais, é de uso universal no ensino do corpo humano, atendendo a todos os estudantes e à comunidade em geral, tem possibilitado o estreitamento de laços entre a UFMG e outras universidades e destas com escolas com educação especial e inclusiva. Também tem sido possível estabelecer pontes entre as escolas que recebem a Coleção Itinerante do corpo humano e as comunidades do entorno, num trabalho de educação para a saúde e para a vida, com implicações sociais concretas, inclusive contra o uso de drogas e na diminuição da violência. Assim, muitas escolas de periferia, principalmente das grandes cidades, têm assumido seu papel de líder educacional diante da comunidade onde se encontram inseridas. O enfoque principal continua sendo, naturalmente, o grande objetivo do museu: a educação para a ciência, para a promoção da saúde e preservação da vida, nosso principal patrimônio.*

Enfim, nesse pequeno recorte da ação museal proposta no Museu de Ciências Morfológicas da UFMG, podemos destacar o profundo compromisso presente nas falas da diretora da faceta transformadora de sentidos da mediação. Está fortemente presente um propósito de transformação de significado do objeto de exposição em interação com uma diversidade de sujeitos sociohistóricos. Fica claro igualmente o propósito da postura de um mediador *passer libre* que apóia a ação do visitante sobre o objeto sendo um negociador e não um tradutor na produção de significados.

### **Considerações finais**

Nas falas da diretora do museu, busquei colocar em primeiro plano a mediação entre os visitantes e um objeto museal singular que é o corpo humano. Minha opção foi destacar, na fala da diretora, alguns elementos para caracterizar a mediação contextualizada naquele espaço museal. Esse aspecto de analisar a mediação dentro do contexto da ação onde ela se concretiza não foi problematizado pelos pesquisadores que tratam do tema. O contexto da ação ainda é tomado como cenário neutro que abriga a mediação. Contudo, quando a analisamos em seu caráter discursivo, esse contexto transcende o denotativo dos objetos de exposição e passa a compor a *mise en scène* discursiva. Logo, a ação do mediador se desenvolve nesse palco composto do cenário e da platéia de visitantes. Assim, considero que para melhor compreender a mediação nos museus precisamos pensar em outras facetas além das descritas anteriormente. Esse é um desafio que permanece presente em nossas reflexões.

## Agradecimentos

Agradeço a leitura, críticas e depoimentos da equipe do Museu de Ciências Morfológicas da UFMG para conclusão dessa comunicação.

## Notas e referências bibliográficas

- <sup>1</sup> Apoios: CNPq e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).
- <sup>2</sup> Y. Lenoir (1996), *Médiation cognitive et médiation didactique. Au-delà des didactiques, le didactique: débats autour de concepts fédérateurs*, em Raisky, C. e Caillot, M. (eds.). *Perspectives em éducation*. Bruxelas, De Boeck Université.
- <sup>3</sup> Y. Lenoir, *ibid*
- <sup>4</sup> M. Schwebel, C.A. Maher and N.S. Fagley (1990), *Le rôle de la société dans le développement des fonctions cognitives, Perspectives* **20**(3), 293-307.
- <sup>5</sup> J. Davallon (2007), A mediação: a comunicação em processo?, *prisma.com.*, 4, junho. Disponível em: [http://prisma.cetac.up.pt/edicao\\_n4\\_junho\\_de\\_2007](http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n4_junho_de_2007). Acessado em 9 de maio de 2008.
- <sup>6</sup> M. Van Praet, J. Davallon and D. Jacobi (2005), Três olhares de além-mar: o museu como espaço de divulgação da ciência, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.12 (suplemento), pp.349-64. Entrevistas concedidas à Luciana Sepúlveda Koptcke e Luisa Massarani.
- <sup>7</sup> S.S. Nascimento (1999), *Essai d'objectivation de la pratique des associations de culture scientifique et technique française*. Tese de doutorado, Universidade Pierre et Marie Curie, Paris 6.
- <sup>8</sup> É. Caillet and É. Lehalle (1995), *À l'approche du musée, la médiation culturelle. Muséologies*. Lyon, Presse Universitaire de Lyon (PUL).
- <sup>9</sup> J. Guichard, J-L. Martinand (2000), *Médiatique des sciences. Éducation et Formation: technologies de l'éducation et de la formation*. Paris, Presse Universitaire de France (PUF).
- <sup>10</sup> O Museu se localiza no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, no campus Pampulha. Site: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/mcm>.
- <sup>11</sup> Entrevista concedida em fevereiro de 2008 no escopo do projeto "Origens e propósitos dos Museus de Ciências da Cidade de Belo Horizonte" COEP 661/07. Financiamento do CNPq.
- <sup>12</sup> M-G. Ribeiro (2007), *Inclusão Social em Museus*, Apresentação na X Reunião da Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe (Red POP) e IV Taller "Ciência, Comunicación y Sociedad", San José, Costa Rica, 9 a 11 de maio.
- <sup>13</sup> Depoimento recolhido por Lana Mara de Castro Siman e Flaviana Patrícia Ferreira Marcelino no escopo do projeto "Museu e escola: um duplo olhar sobre a ação educativa dos museus de Minas Gerais". COEP 534/07. Financiado pela Fapemig (2007-2009).
- <sup>14</sup> S.S. Nascimento, *Ibid*.

## Autore

Licenciada em Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983), mestre em Ensino de Ciências (Modalidade Física e Química) pela Universidade de São Paulo (1990) e doutora em Didactique Des Disciplines - Sciences et Technologies pela Université Paris VI (Pierre et Marie Curie) (1999). Exerceu o cargo de Superintendente de Museus da Secretaria de Estado da Cultura MG (2005-2007) e é Professora Associada do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui experiência na área de Educação em espaços escolares e não escolares, com ênfase em Cultura, Ensino de Ciências Física e Astronomia, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de ciências, formação de professores, didática comparada e museus de ciências. Atualmente é pesquisadora nível 2 do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e da Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: [silnascimento@ufmg.br](mailto:silnascimento@ufmg.br).

**HOW TO CITE:** S. Sousa do Nascimento, *The human body on Exhibit: promoting socio-cultural mediations in a science museum*, *Jcom* **07**(04) (2008) C05